

O desenrolar de uma meada multicolor: biografia, gênero, paisagens e o discurso oficial em Joinville (SC)*

Marília Garcia Boldorini**
Roberta Barros Meira***

Resumo

Analisa-se a obra *Eu, Wittich Freitag*, da historiadora Raquel S. Thiago (2000). Discute-se uma obra do gênero textual biografia como objeto de uma investigação sobre os discursos do campo patrimonial. Depois, buscam-se elementos que expliquem as escolhas e os atores que determinam os sujeitos que têm o direito a ter sua vida contada e as suas memórias perpetuadas (CANDAU, 2016; POLLAK, 1989; 1992). Ademais, parte-se das possibilidades que a biografia também apresenta, ao ser considerada como fonte de estudo (SCHMIDT, 2014), como o fato da sua indissociabilidade da construção do discurso oficial que permeia o âmbito nacional e local. No caso específico de Joinville (SC), cenário da narrativa, discutem-se ainda as tensões oriundas das manifestações culturais de grupos sociais e que condicionam o tempo e o espaço na obra, conforme Canclini (1990), Bhabha (1999) e Schwarcz (2013).

Palavras-chave: Biografia; patrimônio; literatura; memória.

Abstract

The article analyzes the book *Eu, Wittich Freitag*, by the historian Raquel S. Thiago (2000). We attempt to discuss a book classified as a biography, considering it the study object of an investigation about the speeches of the patrimonial field. By mentioning certain elements, we intend to explain the choices and the actors that determine the subjects who have the right of having their story told and their memories perpetuated (CANDAU, 2016; POLLAK, 1989; 1992). We also cite the possibilities of the biography as a study source (SCHMIDT, 2014), such as its indissociability from the construction of the official speech that permeates the national and local spheres. Regarding specifically the city of Joinville (SC - Brazil), scenario of the narrative, there are discussions about the tensions from the cultural manifestations of social groups, which affect the time and the space in the book, according to Canclini (1990), Bhabha (1999) and Schwarcz (2013)'s perspectives.

Keywords: Biography; heritage; literature; memory.

* Artigo recebido em 13/10/2017 e aprovado em 20/03/2017.

** Graduada em Letras pela Universidade da Região de Joinville. Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville.

*** Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Docente no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville.

Introdução

A memória pode ser tomada como a capacidade de armazenamento de informações, mas as suas acepções também trazem à tona a ideia de que ela é um elemento essencial de um indivíduo, ou seja, a base da sua identidade. A memória, porém, é subjetiva e, como nos afiança Candau (2016, p. 9), “acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”. A memória que é lembrada e relembrada ao longo do tempo consiste em um enquadramento e tem objetivos claros, além de ser bastante estratégica¹. Esse enquadramento de memórias, explica Henry Rousso (*apud* POLLAK, 1989), tem limites, pois não pode ser construído arbitrariamente, mas deve satisfazer a certas exigências de justificação.

Embora seja individual, a memória muitas vezes é compartilhada, o que a faz com que se torne coletiva. Logo, do viés individual para o coletivo, a memória passa a atingir um grupo social maior e garante o poder de interferir socialmente na dinâmica de mundo e na recuperação de registros de diferentes contextos, ficando por vezes salvaguardado em formas materiais, como um documento ou um livro (ABREU, 1998).

Nesse sentido, este artigo tem como foco suscitar reflexões a respeito do padrão que se encontra em narrativas literárias. Especificamente nesse caso, tratamos do gênero textual biografia, cuja intenção é representar a realidade social por meio de um ator social escolhido por conta de sua história de vida, em geral de sucesso e destaque. É importante salientar, no entanto, que nesse tipo de texto se propaga também determinada visão do mundo, a qual nem sempre é um retrato coerente do grupo social ali descrito. Ao ler textos biográficos, ou textos de maneira geral, precisamos atentar-nos às tensões e aos conflitos entre os diversos grupos que integram o mesmo cenário, já que nenhuma sociedade é isenta de jogos de poder, em prol de não subjugar nem ressaltar um grupo ou outro. Aqui, portanto, serão debatidas questões como: Por que um conjunto típico de atores sociais é mais usualmente representado do que outro? Que memórias legitimam a história da coletividade? O discurso mnemônico é de fato democrático?

Com base nessas premissas, este artigo pretende analisar a obra biográfica *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago, que conta a história de vida do empresário e político Wittich Freitag. Nascido em Blumenau (SC), Wittich foi um importante empreendedor para Joinville, porque na cidade construiu e consolidou a primeira fábrica de

¹ Afinal, concordamos com o autor quando ele afirma que memorar todas as experiências de todos os indivíduos seria impossível.

refrigeradores da Região Sul, a Consul, marco para a industrialização joinvilense. Ele também criou posteriormente a Empresa Brasileira de Compressores S.A. (Embraco). Ainda atuou como vereador, deputado estadual e, por duas vezes, foi prefeito.

A narrativa passa-se basicamente em Joinville, onde Wittich Freitag morou desde cerca dos 20 anos, até o seu falecimento, e nela temos a descrição de cenários, temporalidades e de grupos sociais que compõem a cidade na contemporaneidade do biografado. Joinville era inicialmente habitada por indígenas e portugueses, época em que ainda levava o nome de Colônia Dona Francisca, em homenagem à princesa D. Francisca, filha de D. Pedro I. Após o casamento, D. Francisca e o marido, Francisco Fernando de Orléans, conhecido como o príncipe de Joinville, venderam essas terras para o alemão Mathias Schroeder, proprietário de linhas de navios que traziam imigrantes da Europa para o Brasil. Esse foi o ponto de partida para o crescimento da cidade. Joinville foi fundada em 1851, quando nela chegaram imigrantes alemães, suíços e noruegueses. Com população atual de mais de 500 mil habitantes, a cidade destaca-se no cenário nacional por ser um importante polo industrial da Região Sul (BUSARELLO, 2013; JOINVILLE EM FOCO, 2009).

A análise aqui pretendida tem como premissa a ideia de pluralismo metodológico. Assim, toda e qualquer estratégia metodológica usada para a obtenção do entendimento do objeto investigado é válida (LACEY, 2012). Logo, procurou-se mesclar autores renomados e teorias convergentes, a fim de se chegar a discussões substanciais a respeito do texto biográfico como um dos discursos que interferem nas ideias que envolvem o campo patrimonial. Afinal, a vida modelar que está inscrita na narrativa da história desses homens influencia a escolha dos sujeitos históricos a serem fixados na memória social coletiva, bem como as negociações entre as manifestações culturais dos diferentes grupos sociais que compartilham tempo e espaço.

Biografia como gênero: limites entre ficção e realidade

De pai e mãe alemães e nascido em Blumenau, onde se criou, Wittich Freitag chegou a Joinville por volta de seus 20 anos, e na cidade construiu sua carreira profissional, fosse como empresário, fosse como político. Ele também fundou as Lojas Freitag e a W. F. Empreendimentos Imobiliários. Foi casado por toda a vida com Lilli e com ela teve três filhas, Diva, Rúbia e Lívia. Faleceu em 1998.

O primeiro ponto a que devemos nos atentar em relação à análise da obra é o biografado *per se*. Ele era nascido em Blumenau, mas construiu sua carreira em outro

município, Joinville, cidade que constituiu toda a sua história com base na imigração, por meio dos discursos historiográficos e da imprensa (COELHO, 2011). A imigração para Joinville começou na segunda metade do século XIX e tinha como função principal a busca por trabalho. Por outro lado, Joinville é intitulada como Manchester Catarinense por conta de seu caráter industrial. Assim, atribuiu-se ao imigrante, com grande destaque ao germânico, a origem do progresso industrial e nele se fundamentou a matriz cultural de uma população disciplinada e respeitada por seu trabalho (COELHO, 2011; MACHADO, 2009). Nesse sentido, Wittich Freitag possui as características tradicionais de um sujeito histórico com elevadas chances de ter uma biografia, por ser um indivíduo que se enquadra nas características: imigrante, germânico e do ramo da indústria. Desse exemplo, pode-se inferir que esse gênero literário até os dias atuais continua a ser utilizado como uma forma de reforçar o discurso sobreposto vigente.

A narrativa, contada em primeira pessoa, começa pelas histórias dos ancestrais do biografado. Sua origem é descrita a partir de seus descendentes, da Alemanha, do fim do século XIX: “Imagens memorialísticas herdadas de meus ancestrais, portanto, minhas de direito e de fato” (S. THIAGO, 2000, p. 19). Tais situações e imagens, vividas não por quem as conta, mas transmitidas a ele como que por herança, são chamadas por Pollak (1992) de acontecimentos vividos por tabela, ou seja, vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Wittich Freitag não tem essas memórias por sua experiência propriamente dita, mas elas lhe são oriundas de seus anteriores e, assim como um bem material, elas também lhe são herdadas. Isto é, constituem seu patrimônio e, por isso, ele tem o direito de as contar.

Além disso, como “imagens memorialísticas” (S. THIAGO, 2000, p. 19) também podemos entender o espaço e as paisagens em que se desenrolaram os episódios vividos por aquela família. Afinal, as histórias narradas têm como resultado o desenvolvimento atual daquela coletividade e fornece base para o futuro. A intenção de rememorar tais aspectos consiste em preservar esses elementos, a fim de fundamentar e manter a identidade daquele espaço (ABREU, 1998) e daquele grupo social.

O livro inicia-se com relatos sobre a infância do biografado. O narrador conta que começou os seus estudos ainda em Blumenau, numa escola particular construída por seus pais, juntamente com outros moradores do bairro em que morava, também pais dos alunos que frequentavam essa instituição de ensino. Explica ele que se tornou prática comum as escolas criadas pela própria comunidade: “Como os teuto-brasileiros faziam, na

necessidade de educarem seus filhos” (S. THIAGO, 2000, p. 32). Um casal de professores foi trazido da Alemanha para que ensinassem às crianças as primeiras letras em alemão. Conforme o narrador, “era comum, entre os teuto-brasileiros, pedirem auxílio da Alemanha que, desde 1918, na época da República de Weimar, mantinha uma política cultural para o exterior, nos locais de colonização alemã” (S. THIAGO, 2000, p. 32).

Com essa informação, vemos como é importante aos grupos sociais a transmissão de sua cultura, como forma de propagação, manutenção e expansão de seus domínios e, conseqüentemente, de seu poder. Por meio da educação, é possível transmitir valores e crenças do grupo social. Nesse caso, a cultura difundida era a do alemão, grupo do qual esse conjunto de pessoas descendeu, o que acontecia principalmente pela língua, característica básica de qualquer grupo étnico. Para se comunicar, se manter e se identificar, o grupo social utiliza os códigos comuns que tem, ou seja, a linguagem. As crianças, nessa escola, aprendiam o alemão: “No início, cinquenta por cento das aulas eram dadas em alemão, e os outros cinquenta por cento em português” (S. THIAGO, 2000, p. 32).

A fim de formar² os indivíduos pertencentes ao seu grupo social conforme sua conveniência, o governo faz da educação (leia-se sistema escolar) grande ferramenta e utiliza-a com o propósito de transmitir seus ensinamentos e cultura comum, segundo uma visão de mundo particular, ou seja, escolhida por alguns como a principal e a que deve ser perpetuada, excluindo-se os demais conhecimentos que de alguma forma contrariam o que se deseja disseminar, ou que são simplesmente diferentes. A Alemanha, por exemplo, viu no Brasil uma grande oportunidade de expansão de seus domínios, como conta o narrador da obra analisada: “A estrutura inicial da escola era alemã, pois ainda não havia uma política educacional brasileira voltada para as necessidades dos imigrantes” (S. THIAGO, 2000, p. 33).

A respeito dessa reflexão, veem-se dois problemas: a falta de políticas públicas educacionais, ou o atraso de as fazer, pelo governo brasileiro, e a crença de que os imigrantes devem frequentar uma escola que remeta ao seu país de origem, e não ao país em que moram, fazendo com que o imigrante se sinta deslocado e seja prolongado o seu tempo de adaptação a outro lugar que não o seu de origem. Embora o imigrante more num

² Aqui, quando se utiliza a palavra *formar* entre aspas, quer-se dar vazão a dois sentidos literais que ela tem: dar ou receber ensinamentos, exemplos, especialmente morais, isto é, educar; e fazer-se, constituir-se, por mecanismos estabelecidos na língua, ou seja, dar uma estrutura (HOUAISS, 2001).

lugar, que pode ser provisório ou não – na maioria das vezes, não se sabe –, ele não pertence a esse lugar, o que o deixa como que em suspenso em relação à casa, à identidade e à nacionalidade. Apesar de as crianças de nosso texto biográfico, por exemplo, já terem nascido no Brasil (seus pais são os estrangeiros), elas nunca deixarão de ser imigrantes, principalmente se forem sempre tratadas como imigrantes. Sobre isso, afirma Sayad (1998, p. 45): “A imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade”.

Esse sentimento de não pertencimento acaba afetando até mesmo as atitudes e a formação da identidade social e individual, pois não se sabe se se deve ignorar sua cultura base e assumir uma nova definitivamente, ou se se deve manter a cultura anterior, prezando suas raízes. Logo, o imigrante vive sob a constante condição da provisoriedade, com a impressão de que nenhum lugar é seu de fato.

O governo nacional só foi preocupar-se com a questão da política educacional brasileira na época da ditadura de Getúlio Vargas, que decretou a proibição do uso dos idiomas alemão e italiano, falados por dois grupos bastante numerosos que imigraram ao Brasil, implantando a Campanha de Nacionalização, situação vivida pelo narrador e vista por ele como “radical e desumana” (S. THIAGO, 2000, p. 33). Assim, o governo impôs que se aprendesse português nas escolas e impediu o ensino de línguas estrangeiras, mas o narrador sente-se violado por essa atitude política: “Descendentes de imigrantes [...] só não aprenderam a falar em português por falta de professores. Na verdade, nossos pais jamais se opuseram que aprendêssemos português. Pelo contrário, era deles o interesse pelas vantagens econômicas que o domínio do português poderia nos proporcionar mais tarde” (S. THIAGO, 2000, p. 33).

Além de proibir o ensino do idioma estrangeiro na escola, o governo nacional proibiu falar outro idioma que não fosse o português na totalidade territorial brasileira. No caso de Wittich Freitag, ele conversava em alemão com os seus amigos e parentes e, por conta disso, já em Joinville, no início de sua juventude, por volta dos 20 anos, foi preso, porém por pouco tempo:

Dirigimo-nos, sob o seu comando [do inspetor Montenegro, quem deu voz de prisão a Wittich], para o Ponto de Táxi 614, na esquina da Rua Dr. João Colin com a Rua XV [de Novembro], onde antigamente ficava localizado o Stein [...]. Levaram-me para o prédio onde havia funcionado o Hospício Oscar Schneider, atrás do Cemitério Municipal. Por causa do grande número de prisões de pessoas naquele período, o local

passou a servir de presídio (S. THIAGO, 2000, p. 36-37).

Nessa passagem, vemos os conflitos que perpassam a Segunda Guerra Mundial, antes e depois dela. A guerra teve seu fim em 1945, no entanto, ainda não temos como mensurar todos os efeitos que ela acarretou, nem em termos de dinâmica de mundo, nem em relação aos indivíduos que participaram do evento direta e/ou indiretamente, sobretudo no que concerne à memória social. Memórias são permanentes, e parece que memórias difíceis se mantêm na mente por mais tempo ainda.

A memória está sujeita aos efeitos de guerra, que podem condicionar, recalcar e canalizar a memória, transformando as lembranças que se têm dela. O fato de o narrador deter-se por algumas páginas nesse pequeno episódio pode ser mostra de que a situação, embora tenha terminado bem, foi marcante para ele. Vários momentos da obra voltam-se a episódios relacionados à guerra, o que pode ser indicativo da relevância que o evento teve na vida de Wittich Freitag.

Com isso, vemos o desgosto dos descendentes de alemães, já brasileiros, com a atitude política do governo federal. Além disso, o que marcaria o narrador é a forma violenta com que a Campanha de Nacionalização foi feita. Os imigrantes alemães e os seus descendentes eram minoria naquele momento e tiveram sua cultura perseguida e violentada. Em momentos posteriores, porém, eles passaram a ser um grupo que se consolidaria como a elite econômica, política e cultural da cidade. No entanto, desse assunto nada é comentado pelo narrador, talvez por ser mais interessante para ele mostrar-se como um sujeito que superou muitas adversidades, aquele que superou a violência, de maneira a conquistar a empatia do leitor. Entende-se, portanto, que movimentos e grupos sociais identificados como minorias procuram resgatar, do passado, fatos antes esquecidos ou mesmo apagados pelos grupos que controlam a sociedade (BURKE, 1992).

Compreendo que o governo brasileiro se esforçasse para que os imigrantes e seus descendentes falassem o português. Afinal, nós éramos cidadãos brasileiros. Mas não esquecemos a violência com que fomos tratados. Foi, mesmo, uma violência. Tanto em Blumenau como em Joinville a cultura germânica foi muito combatida. A Sociedade Teutônia de Blumenau foi fechada. Em Joinville a Sociedade Ginástica, além de ser fechada, teve seu patrimônio bastante desgastado: puseram fogo no meio do salão (S. THIAGO, 2000, p. 35).

Sobre esse trecho, podemos recorrer a um dos últimos trabalhos do sociólogo Elias (1997), a publicação *Os alemães*, em que analisa o desenvolvimento social da Alemanha desde o século XVII. Fundamentando-se nos episódios da história alemã, o autor fornece indícios para o entendimento da personalidade, da estrutura social e do comportamento

do grupo social alemão. No mais, o autor dá ênfase aos aspectos comportamentais resultantes de todo esse processo, principalmente no tocante à classe média, no período compreendido entre o fim do século XIX e o início do XX. Essa seria a época contemporânea à juventude dos pais de Wittich Freitag, até a sua vinda ao Brasil, e a classe social em que eles se enquadravam, quadro comum de uma expressiva porcentagem dos imigrantes europeus que chegaram a Joinville a fim de colonizar a região. Logo, o casal, assim como os demais pertencentes ao mesmo grupo social, foi influenciado diretamente por essa forma de pensar, que determina, conforme Elias (1997), certos traços do comportamento e das atitudes que levaram por toda a vida, transmitindo-os a suas gerações posteriores.

Um dos traços comportamentais mais sobressalentes desse grupo, na perspectiva de Elias (1997), é o sentimento de pertencimento a grupos similares, o que se externalizava pela filiação a agremiações locais. Era criada uma rede de pessoas que se sentiam pertencer ao mesmo círculo e que juntas exerciam suficiente poder para estarem aptas a construir um grupo autossuficiente e consciente de seus próprios interesses, formando uma espécie de cooperativa. Nesse aspecto, o sentimento de lealdade também era bastante visível. Conforme Elias (1997, p. 84), “as pessoas [...] encontram-se realmente reunidas, em grande parte, por critérios não escritos e símbolos implícitos de filiação que, de uma forma geral, só são evidentes para os iniciados e nunca entendidos plenamente por quem está de fora”, fazendo com que a unidade e a coesão sejam bastante fortes.

Pensando no conceito de hibridismo cultural proposto por Canclini (1990), visto em países miscigenados, como é o caso do Brasil, por exemplo, verificamos como é relevante para o imigrante fazer de seu novo espaço um simulacro do seu espaço anterior, sobretudo para o grupo social vindo da Alemanha, que tem inata a importância da sua coesão. Esse fenômeno está presente, como observamos anteriormente, nas escolas (em que se ensinava a base cultural de origem) e nos bairros (os grupos sociais juntavam-se cada um no “seu” bairro), para citar apenas dois lugares de ocupação, o que caracteriza certo uso da cidade, refletindo na moldura paisagística na qual se encerra o lugar.

Tais manifestações acontecem de maneira consciente, pois se tem clareza de que a forma como se lida com o espaço tem consequências diretas na formação e preservação da identidade do grupo social: “Não se trata mais da interação do homem com a natureza na paisagem [ou seu formato “original”], mas sim de uma forma intelectual na qual

diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela” (SCHIER, 2003, p. 81).

Ab’Sáber (2003) lembra que “os povos herdaram paisagens e ecologias”, mas há que se ter em conta que a paisagem e o modo como se interage com ela também são o resultado de uma construção social. É nesse sentido que se acredita que a consulta às fontes constituídas por livros biográficos auxilia a compreender o processo histórico de constituição das múltiplas narrativas da cidade e o papel de cada um dos seus atores – cujos embates constroem, muitas vezes, versões contrárias. O caso das biografias pode ser um exemplo da importância da preservação da memória: narrativas feitas com o conforto do distanciamento de um narrador adentraram nos livros e relatos e são portadoras de uma relevante visão que revela um olhar diferente, descrito com dados escutados em primeira mão, no entanto essas informações são quase sempre atravessadas por uma discussão entre história e memória.

O lugar é o lócus do coletivo, da intersubjetividade, onde acontecem as relações sociais, de conflitos, cooperação, poder e dominação, sendo o elemento fundamental para a definição da identidade e o cenário do compartilhamento de vivências, constituindo-se tal qual um mosaico, composto de fragmentos pacíficos e/ou conflituosos, contudo de fortes vínculos socioespaciais (SCHIER, 2003).

Um exemplo disso são os espaços construídos na cidade, destinados aos diversos grupos sociais que compartilhavam a cidade de Joinville. O biografado conta: “Aos sábados quase sempre havia baile. Na [Sociedade Harmonia] Lyra, na Liga de Sociedades ou no Ginástico [Sociedade Ginástica de Joinville]. Aos domingos ainda íamos a domingueira do Ginástico. Ali conhecíamos as garotas, namorávamos e dançávamos, geralmente até às 19 horas, o que para nós era pouco” (S. THIAGO, 2000, p. 43).

Nessa passagem da obra analisada, é mencionado um exemplo bastante representativo do uso compartilhado do espaço. Trata-se da Sociedade Harmonia Lyra, símbolo da ocupação germânica em terras joinvilenses. O lugar foi fundado em 1858 – a associação mais antiga de Santa Catarina –, ainda na época da chamada Colônia Dona Francisca, atual Joinville, e considerado “o berço artístico, social e cultural” do município (BENCZ, 2008). Sua fundação aconteceu com o intuito de preservar parte da vida que os imigrantes tinham na Alemanha, mas fora do seu país.

Os outros dois lugares citados no trecho destacado também foram constituídos com este mesmo objetivo: ser frequentado por descendentes germânicos. A Liga das

Sociedades era palco de encontros carnavalescos, cinematográficos, de chope, de tiro e esportivo (MAZZARO, 2014), enquanto a Sociedade Ginástica de Joinville era palco principalmente de eventos esportivos da cidade, como consta de sua própria página virtual:

Os colonizadores sentiram necessidade de conservar os altos ideais de Friedrich Ludwig Jahn, cognominado ‘Pai da Ginástica’ que são: soerguer a forma moral, conservar e aprimorar a força física da juventude e, ao mesmo tempo, cultivar uma harmonia social, junto com uma recreação útil. Desde então, estava assegurada aos nossos valorosos antepassados a oportunidade de cultivarem o esporte (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 2017).

Logo, vemos que as paisagens são moldadas por pessoas por meio de sua experiência e em razão do seu envolvimento com o mundo, com o propósito de preservar suas raízes e criar laços de afetividade, afinal, os grupos culturais provocam transformações nas paisagens preocupando-se mais com os sistemas culturais do que com os próprios elementos físicos dessa paisagem:

Paisagens são, em quase todas as abordagens dos séculos XIX e XX, entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade e, se compreendidas como portadoras de funções sociais, não são produtos, mas processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes (SCHIER, 2003, p. 82).

Observam-se no livro analisado o orgulho e o sentimento de imigrante claramente nesta passagem:

O alemão tem um sentido de patriotismo diferente do brasileiro. Os imigrantes e seus descendentes continuam alemães em qualquer lugar, mesmo fora da Alemanha. Porque para eles a nacionalidade se determina pelo sangue. É por isso que um descendente de alemão se diz “de origem”, e se considera alemão; no entanto, a cidadania é do país onde está radicado” (S. THIAGO, 2000, p. 34-35).

Heinz, irmão mais velho de Wittich, foi combatente na Segunda Guerra e convocado para lutar na Itália, ao lado dos aliados, isto é, contra a Alemanha: “E meu pai achou natural, porque tinha consciência de que seu filho era ‘cidadão’ brasileiro” (S. THIAGO, 2000, p. 35). No entanto, o narrador continua: “O sentido de cidadania é muito antigo, para os alemães, e foi o que impediu o engajamento de grande número de imigrantes alemães ou seus descendentes na transformação do sul do Brasil numa extensão do Império Alemão” (S. THIAGO, 2000, p. 35).

Além do sentimento de pertencimento, identificamos na obra analisada outro traço apontado por Elias (1997) como típico do modelo comportamental alemão. Trata-se da importância da ancestralidade, entendida como um determinante para o enquadramento do grupo social no conjunto chamado pelo sociólogo como “boa sociedade” – havia a boa

sociedade e o restante da população. Sendo a importância da ancestralidade ponto fundamental da identidade do grupo que chegou a Joinville, essa questão não poderia ser simplesmente esquecida por conta da imigração. Assim, era interessante, do ponto de vista do grupo recém-chegado, manter a sua identidade de imigrante e tentar preservá-la até quando fosse possível.

Todavia, compreendemos hoje que a identidade é dinâmica. Logo, não é possível ela se manter intacta ao longo dos anos sem interferência das outras identidades que estão a sua volta. No caso dos imigrantes, sua figura mistura-se necessariamente com a do colonizado, este último visto por Bhabha (1999) como um ser híbrido em termos culturais, já que traz consigo tanto a identidade cultural do grupo social a que pertence quanto a identidade cultural do colonizador. Por conseguinte, o colonizado será sempre ambivalente, por carregar em seu cerne duas correntes culturais distintas, o que faz com que ele se veja na fronteira entre o espaço do outro e o seu espaço, tornando-se, por se situar no limite, o transgressor. Esse argumento, conforme o autor, constitui a base do discurso colonial, ou seja, certa forma de aparato de poder que se apoia no reconhecimento e no repúdio das diferenças raciais, culturais e históricas.

Igualmente, o colonizado traz em suas memórias a imagem de certos espaços e paisagens e tenta transmitir de alguma maneira sua visão do mundo para esse novo espaço que passa a habitar, o que interfere sobremaneira na construção social da cidade em que passa a viver. Sua bagagem sociocultural e pessoal, embora seja oriunda de seu local de origem, jamais é perdida. Pelo contrário, é acionada a todo o momento, inclusive nas formas de pensar e imaginar o novo espaço urbano, moldando a paisagem, a memória e os discursos oficiais da cidade, principalmente quando falamos de um município como Joinville, cuja história oficial e desenvolvimento se sustentam no trabalho do imigrante de origem germânica.

A biografia: detalhes do gênero textual

A narrativa biográfica, escrita em primeira pessoa e complementada por depoimentos do biografado, é de autoria de Raquel S. Thiago, nascida em Joinville e licenciada e mestre em História. Suas pesquisas versam sobre a história de Santa Catarina e sobre a formação econômica do Brasil, além de abordar temas como identidade, memória, colonização e imigração. Ela exerceu o cargo de diretora de instituições importantes em prol da memória joinvilense, como o Arquivo Histórico de Joinville e o Laboratório de História Oral da Univille, bem como coordenou o Conselho de Ensino,

Pesquisa e Extensão também da Univille, instituição em que trabalhou como professora por vários anos. Essa proximidade com documentos das mais variadas ordens lhe permitia acesso constante e ilimitado a essas fontes primárias, facilitando o seu trabalho de pesquisa para compor a biografia analisada. Além disso, Raquel S. Thiago é membro da Academia Joinvilense de Letras e autora de livros, artigos científicos e matérias de jornal.

O estudo de caso aqui pesquisado demonstra que a biógrafa é uma profissional do campo da história e da historiografia. Tendo isso em mente, seu papel volta-se à valorização dos *homens bons*³ – usando uma expressão do período colonial –, restritos a certos tipos estereotipados de indivíduos escolhidos para serem representantes da sociedade. Além disso, a preocupação de historiadores biógrafos está no desenvolvimento social da personagem e em como esta lidou/interagiu com as mudanças espaço-temporais do local em que está inserida: “Os historiadores realizam suas pesquisas não com o intuito de desvendar segredos, mas sim de explicar historicamente os percursos de seus biografados, de pensá-los a partir de seus projetos e campos de possibilidade” (SCHMIDT, 2014, p. 139). Logo, cabe aos historiadores

compreender historicamente os percursos de certos personagens, de modo a entender, por exemplo, o funcionamento de determinados mecanismos sociais e sistemas normativos, a pluralidade existente em grupos e instituições vistas normalmente como homogêneas, a construção discursiva e não-discursiva dos indivíduos, as margens de liberdade disponíveis às pessoas em diferentes épocas históricas, entre outras questões (SCHMIDT, 2014, p. 140).

Esses aspectos são evidenciados em passagens como:

Nos últimos trinta anos a cidade [de Joinville] passou por grandes transformações, principalmente em função do movimento migratório e da consequente expansão demográfica. Mudanças constantes na qualidade e estilo de vida refletiram imediatamente no Hospital Municipal São José e, por extensão, no Hospital Regional Hans Dieter Schmidt, fundado em 1984, para atender as novas demandas na área de saúde (S. THIAGO, 2000, p. 241).

Constatamos com o trecho exibido certas transformações que aconteceram na cidade de Joinville, retratada nas páginas da biografia analisada, bem como seu crescimento, em grande parte resultado dos fortes fluxos migratórios das décadas de 1980 e 90. Acompanhando essas alterações espaciais e sociais pelos olhos de uma figura ilustre para Joinville, o leitor constrói relações com a história oficial do município – e não pelo ponto de vista das chamadas minorias sociais. Assim como explica Abreu (1998), a cidade

³ A expressão designa os integrantes das elites socioeconômicas locais, que deveriam atender a uma série de requisitos, como por exemplo ser maior de 25 anos, casado ou emancipado, católico e não ter nenhum tipo de mestiçagem racial (BOXER, 2002).

não é um coletivo de vivências homogêneas, e os fragmentos do passado que normalmente sobrevivem à ação do tempo são bastante peculiares, pois, em geral, estão ligados a estruturas de poder, objetivando a construção de uma história oficial de poder e de dominação.

Outro fato que pode ser um indicativo do lugar da historiadora da biografia é a ênfase dada aos cenários da história, principalmente na contextualização do que o local foi antes de ser o que representava no momento em que participou do episódio: “A Loja Freitag, como ficou conhecida, foi instalada inicialmente na Rua do Príncipe, ao lado da Loja de Ferragens dos Schneider, a Casa do Aço. Em seguida vinha o Café Mascote, ponto principal de encontro entre os homens de negócio da cidade” (S. THIAGO, 2000, p. 75).

Já quando falamos da trajetória do gênero textual biografia ao longo dos tempos, fica muito clara a função social que os textos biográficos exerceram na sociedade. Seu objetivo maior, principalmente quando nos referimos ao século XIX, época em que teve início o mundo moderno e houve o nascimento do homem “sujeito”, era criar heróis que fossem capazes de representar, ou se queria que representassem, determinado grupo social. Isso era possível por meio da exaltação do biografado, de suas glórias, feitos e história de vida impecável (DOSSE, 2015).

O próprio protagonista da narrativa analisada relata que seu gênero textual preferido eram as biografias, justamente por causa do propósito a que veio: “Na leitura, eu só gostava de biografias. Dessas leituras saíram alguns dos meus ídolos cujas experiências serviram-me de modelo na minha trajetória política e empresarial” (S. THIAGO, 2000, p. 44).

O historiador Schmidt (2014), nesse aspecto, explica que a biografia era/é tratada como um discurso ético, descrevendo vidas de sujeitos morais que fazem o bem, lembrando, porém, que o conceito de bem é relativo. Ele é um atributo histórico definido por um jogo de forças e varia de acordo com a época e com o grupo social envolvido. O passado, por conseguinte, serve para esclarecer o futuro, oferecendo um leque de exemplos a serem imitados, e também de contraexemplos a serem evitados. Observa-se que a biografia se configurou com essa formatação desde a Antiguidade, objetivando

realizar, por meio do exemplo dos personagens biografados, uma reflexão de segundo grau sobre as normas, apresentar e reforçar as fronteiras sobre o proibido e o permitido e, sobretudo, constituir um sujeito obrigado ou ao menos inclinado a fazer o seu dever, a fazer o bem, conforme [...] os sentidos dominantes atribuídos a esses termos em cada época e em cada sociedade (SCHMIDT, 2014, p. 131).

No que diz respeito à obra analisada, é possível confirmar essa questão já no prefácio, escrito por Baltasar Buschle, político e empresário, assim como o foi Wittich Freitag:

O temperamento festivo da nostálgica Joinville dos anos [19]30 e 40 tinha um poder de transformação nos migrantes de outras cidades, integrando-os rapidamente na sua cidadania. Wittich não foi exceção. [...] Ninguém torna-se prefeito de uma cidade de expressão política, geográfica e econômica como Joinville por decisão própria. São necessárias múltiplas e complexas convergências (BUSCHLE, 1999, p. 9-11).

Com esse trecho, que se configura como a porta de entrada do livro, uma preparação do leitor para o encontro com uma figura que vale a pena conhecer, conforme os atores envolvidos na narrativa, quer-se salientar que o sujeito descrito nas páginas a seguir de fato foi um cidadão exemplar perante a sociedade – a ponto de ter sido beneficiado com o título de Cidadão Honorário pela Prefeitura de Joinville e de ter ganhado uma rua com o seu nome – e que merece ter seus feitos compartilhados com todos, servindo de exemplo a ser copiado pelos demais. Além disso, sendo os imigrantes, conforme a história oficial da cidade, os responsáveis pelo desenvolvimento econômico do município, é importante a todo o momento reforçar o elemento, muito significativo, da imigração joinvilense. Já nas primeiras páginas da obra analisada, percebemos que a narrativa é sobre um imigrante europeu que venceu em terras estrangeiras, corroborando o discurso que se apregoa pelo espaço e pelo tempo joinvilenses.

Nessa perspectiva, compreendemos a biografia, uma obra literária ou uma obra de arte de maneira geral como representações simbólicas, considerando os propósitos do ordenamento social e a padronização dos indivíduos, afinal nas obras são expressos valores como crenças, cultos, danças, entre outros – todos produtos culturais, ou seja, produtos forjados em dada cultura, sociedade e época, contribuindo para a formação cultural e mnemônica de determinado grupo social. Assim, a obra “insere-se no inconsciente coletivo, define pontos de vista, aguça identidades, manifesta sentimentos, congrega valores enfim, estabelece vínculos de pertença. [...] Trata-se da manifestação de valores, vontades, sonhos e atitudes que são alusão a um comportamento coletivo” (ESQUINSANI; ESQUINSANI, 2010, p. 211).

Refletindo sob essa óptica, a biografia é uma via em prol da reprodução de costumes e de tradições julgados como corretos e que devem ser perpetuados, e nesse aspecto a narrativa examinada não fica aquém. Ao comentar sobre os natais que passou na infância, por exemplo, o narrador conta: “Feliz a criatura que na vida adulta pode

cultivar esse tipo de recordação. *Essa é uma tradição que fiz questão de manter na família.* As crianças de hoje estão perdendo essa sensação de ganho, de surpresa” (S. THIAGO, 2000, p. 23, grifo nosso). Portanto, sendo o natal uma comemoração puramente cristã, e o cristianismo exercendo forte influência ainda nos dias atuais na sociedade representada pela narrativa, faz-se imprescindível ressaltar no texto a celebração e ensinar que ela deve ser continuada. O narrador confirma esse ritual familiar mais uma vez: “Esse clima foi conservado, e [a esposa] Lilli e as meninas ainda tiveram a oportunidade de aproveitar um pouco do Natal encantado de mamãe” (S. THIAGO, 2000, p. 24).

Nesse sentido, não podemos ver o texto apenas como um reflexo do seu tempo e da sua sociedade, mas como a produção de costumes, de conhecimentos e de poderes (SCHWARCZ, 2013). Além de refletir acerca dos objetivos do autor ao escrever a obra, também é interessante saber quem é o autor dessa obra, em que contexto ele se insere e quais são as suas crenças, convicções e origem sociocultural, haja vista não ser possível ao autor excluir-se de sua obra na totalidade; mesmo que indiretamente, o autor colocasse nela de alguma maneira. Igualmente, não existem leituras isoladas. É preciso contemplar, no caso de análises literárias, texto, autor e contexto amplo de produção da obra e tentar perceber os meandros que a balizaram. Afinal, como afirma Alves (2001, p. 70):

Modelos pictóricos, literários, cinematográficos, televisivos, publicitários, socialmente produzidos, modelam continuamente a experiência perceptiva de construção dos valores paisagísticos. Esses valores devem pois ser contextualizados em termos de tempo e de espaço, a maneira como as pessoas compreendem e se relacionam com o mundo que as rodeia depende do momento e do lugar.

A ideia de que a experiência perceptiva constrói os valores da paisagem é compartilhada por Schama (1996), que afirma que a paisagem é obra da mente, comportando lembranças, mitos e significados complexos. Vemos a paisagem, conforme a sua perspectiva, por meio de uma moldura particular, composta de lembranças que, juntamente com o aspecto físico paisagístico, garantem a unificação entre o que se vê e o que se pensa sobre o que se vê, o que recebe influências diretas de tudo o que está à volta do indivíduo.

Concernente à evolução do texto biográfico no decorrer dos séculos, embora o livro aqui analisado tenha sido escrito ainda no século XX, mais precisamente em 2000, podemos verificar que a biografia ainda mantém a tendência de demarcar sujeitos de destaque na sociedade em que estão inseridos, numa constante confirmação de relações de força, poder e dominação. Há que se ressaltar, no entanto, que esses conflitos e tensões

muitas vezes acontecem em detrimento de algumas minorias do próprio grupo social a que o biografado pertence, pensando então no que deve ser exibido e no que deve ser escondido.

Por esse motivo, a biografia conta com uma peculiaridade bastante pertinente. É a chamada *histoire événementielle*, ou seja, “ora selecionamos personagens proeminentes ora tentamos transformá-los em figuras de proa” (SCHWARCZ, 2013, p. 52). Desse modo, na biografia analisada aqui o narrador conta que teve uma trajetória profissional bem-sucedida, se pensarmos nas visões dos segmentos que compunham a elite econômica. Com a finalidade de confirmar a importância do seu texto e a de seu biografado, a todo o momento a narrativa deve convencer o leitor de que o que ele está lendo é de vital importância, não como um instrumento de transformação social que subverte o *status quo* da sociedade brasileira, mas de superação de adversidades – o *self-made man*. Isso fica evidente no trecho a seguir:

Naquela época poucas pessoas possuíam refrigeradores elétricos. Eram todos importados. Lá em casa não havia um, não porque papai não pudesse comprar, mas principalmente pelo fato de que ele era contra refrigerador. Dizia que comida de refrigerador fazia mal para o estômago. Não sabia ele que seu filho mais novo iria ser um dos primeiros fabricantes de refrigeradores no Brasil! (S. THIAGO, 2000, p. 22-23).

Constata-se a mesma reverência pelo biografado mais adiante na narrativa, ao falar sobre a sua breve prisão durante a Segunda Guerra Mundial, por ter sido flagrado conversando em alemão com os amigos:

Apesar de tudo, foi como um orgulhoso cidadão brasileiro que, mesmo com sotaque carregado, trabalhei a minha vida inteira. Tanto como empresário, como político. Tenho a consciência tranquila. Sinto-me feliz por ter tido a oportunidade de, em minha vida, mostrar, através das minhas ações, toda a gratidão que sinto pelo Brasil, que acolheu meu pai e meu bisavô, apesar dos problemas do tempo da guerra (S. THIAGO, 2000, p. 39).

Ou na passagem: “Quem diria que a mulher do fundador da Consul só teria uma máquina de lavar depois de dez anos de casada!” (S. THIAGO, 2000, p. 67). A mesma característica pode ser observada em:

Em 1939, quando estourou a Segunda Guerra Mundial, fui transferido para a filial da Livônus em Joinville, com escritório na Rua XV de Novembro, ao lado da Sociedade Harmonia Lyra. Nessa época a cidade já ostentava um promissor centro industrial e comercial. Eu não imaginava que um dia seria um dos responsáveis pelo destino da cidade que me recebia de maneira tão simpática (S. THIAGO, 2000, p. 42).

Acerca ainda do assunto a quem cabe ser biografado ou não, outra peculiaridade do gênero que se revela em vários momentos da narrativa investigada diz respeito às típicas personagens escolhidas como protagonistas das biografias.

Se levarmos em conta o percurso que o gênero biografia percorreu ao longo dos séculos, notamos que as figuras mais costumeiras a serem biografadas são homens, brancos, pertencentes à elite, ou com alto poder aquisitivo, e católicos, considerando que uma das funções sociais da biografia era construir modelos exemplares de indivíduos para que eles fossem seguidos pelos demais membros do grupo social, numa questão de ordenamento e de padronização da sociedade (DOSSE, 2015).

Esse aspecto da obra fica bastante evidente desde o início, quando o narrador comenta sobre a infância do biografado, passada em Blumenau. Sobre a casa em que moravam na época, por exemplo, conta-se que ela ficava em um terreno bem grande, em que havia um pasto e vacas leiteiras, e a mãe ou a empregada tiravam leite todos os dias. Pode-se verificar por essa passagem que a família de Wittich Freitag tinha posses. Na descrição da casa, por exemplo, é citado o elemento pé-direito alto (S. THIAGO, 2000), outro indicativo do poder aquisitivo familiar acima da média.

Outro elemento preponderante da biografia é o fato de ela privilegiar personagens masculinas, seja pensando no protagonista da obra, seja nos atores secundários, característica bastante nítida na sociedade de forma geral e em todas as áreas das ciências sociais. Então, podemos traçar um paralelo entre a realidade e a ficção, haja vista que os mesmos embates enfrentados cotidianamente pelas mulheres – falta de representatividade e de espaço – aparecem na literatura, vista como um produto sociocultural.

Embora o texto tenha sido escrito por uma mulher, o patriarcalismo é bastante presente na narrativa e está enraizado, talvez, de maneira inconsciente. Confirmamos essa ideia com o trecho em que Wittich Freitag comenta não ter tido filhos homens, mas três mulheres:

Lilli achou que eu ia ficar chateado por não ter vindo um menino, mas logo se consolou porque, além de eu não ter demonstrado desapontamento, a menina saiu muito parecida comigo. [...] Sem filhos homens, minhas três filhas e minha mulher poderiam ter transformado nossa casa em um verdadeiro matriarcado. Mas sempre vivi no meio delas com muitas regalias, mais mandando do que sendo mandado. [...] Olhando para trás, contemplo a imagem dessas quatro mulheres que, de certa forma, se sacrificaram para que eu pudesse me realizar como empreendedor e político. [...] Livia substitui o filho homem que não tive (S. THIAGO, 2000, p. 61-63).

Dessa forma, podemos pensar o assunto pelo viés cultural, o que se reflete no modo como interagimos com o espaço e tempo em que vivemos. Sabemos que o homem sempre teve privilégios em relação à mulher, embora o desequilíbrio entre os gêneros venha diminuindo pouco a pouco. Tanto biógrafa quanto biografado foram criados num contexto espaço-temporal menos confortável às mulheres do que a situação que se faz

presente atualmente. A desigualdade entre os gêneros não é mais tão evidente e conseguimos perceber a evolução de pensamento, quando o narrador declara: “Atualmente é ela [a filha Lívia] quem praticamente toma todas as decisões nos negócios. Vou na empresa por hábito. As decisões são dela. Quando eu tinha uma fazenda no norte do Paraná já lhe delegava poderes para fazer os pagamentos. Depois que fez o curso de administração [de empresas], passou a interessar-se mais por este lado” (S. THIAGO, 2000, p. 63).

No trecho anterior, observamos, portanto, uma evolução em termos de pensamento, entendendo que as manifestações culturais estão sempre em constante mutação e são condicionantes da dinâmica da organização espacial.

Igualmente, verifica-se em narrativas biográficas a intenção da criação de heróis, atores que merecem destaque por seus grandes feitos, atitudes e modelo exemplar de indivíduo, a quem todos devem copiar. Nesse sentido, Schwarcz (2013) esclarece que, com o propósito de criar heróis, não conseguimos no texto biográfico encontrar contradições nas atitudes do biografado, nem seus passos errados. Tudo parece fluir, como se a vida fosse um desenrolar de acontecimentos pré-programados, um passo a passo, ou uma receita culinária. Todavia, sabemos que o fluxo de uma vida não é tão coerente, nem tão cadenciado como conferimos nas páginas da obra.

Essa característica do gênero faz-se presente na obra averiguada, por exemplo, no seguinte trecho:

Os dias de outono me encantavam, principalmente quando o vento levantava as folhas soltas que planavam fazendo malabarismos no ar. Ainda as tenho muito nítidas na lembrança. Talvez eu estivesse vislumbrando os voos da minha vida, que certamente dependeram muito dos ventos... Dos ventos das circunstâncias, da vontade, das oportunidades. Acho que eu me via naquelas folhas” (S. THIAGO, 2000, p. 21).

O mesmo é encontrado no trecho: “Aí já não remava nas competições, mas era o patrão [do clube joinvilense de remo Atlântico], aquele que comandava a equipe. Seria um sinal dos comandos que assumiria no futuro?” (S. THIAGO, 2000, p. 43).

Com essas duas passagens, damos-nos conta de que a personagem já parecia esperar de si mesmo e da vida que se seguiria relevantes e grandiosos feitos na política, na economia e no ramo empresarial, como foi o caso do ator representado na biografia em análise, além de poder prever o que lhe aconteceria no futuro. Fica a impressão de que o seu destino estava traçado, e o biografado podia enxergá-lo ainda na infância, constituindo, assim, a característica chamada por Bourdieu (2006) de “ilusão biográfica”.

De acordo com explicação de Bourdieu (2006), a biografia consiste no relato de

um conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história, mas faz-se preciso entender que ela é uma criação artificial de sentido. O biógrafo, então, funciona como um costureiro, cerzindo retalhos de uma vida, de modo a formar um conjunto lógico e orientado, para que essa história de vida seja capaz de ser apreendida como uma unidade objetiva e subjetiva, com início, meio e fim. Tende-se a organizar os fatos em sequências ordenadas em conformidade com relações inteligíveis. Logo, o biógrafo tem a responsabilidade e a preocupação de deixar a história razoável, repleta de sentido, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos, de maneira a estabelecer conexões entre eles, a fim de atingir a coerência.

Vemos essa coerência forjada muito claramente em um trecho dos momentos finais da vida de Wittich Freitag, quando o narrador faz um balanço de sua trajetória:

Olho para trás e vejo tudo como num longo filme cujo principal protagonista sou eu. Seu roteiro contempla passagens alegres, de entusiasmo, de luta, mas também lances dramáticos, com um final que eu não diria feliz, mas coerente. Coerente com meus pensamentos, objetivos, valores, com minhas concepções (S. THIAGO, 2000, p. 246).

No recorte, fica subentendido que Wittich Freitag não usou sua vida nem as escolhas que fez ao longo dela como uma forma de evolução pessoal, profissional ou espiritual. Tem-se a impressão de que a personagem sempre agiu da mesma maneira e nunca mudou seus pensamentos, hábitos ou atitudes, entremeados por momentos alegres e tristes, mas sempre encarados igualmente. Forjou-se o destino já traçado desde o princípio.

Criado tal e qual um modelo a ser copiado pelos leitores, o biografado aparece na narrativa como um empreendedor à procura constante do sucesso, principalmente econômico-financeiro, haja vista vivermos em uma sociedade capitalista. Logo, ao mencionar as casas onde viveu, comenta:

Primeiro fomos morar na casa dos pais de Lilli, na Rua Timbó. Depois alugamos uma casa na Rua Alexandre Schlemm. [...] Voltamos, então, para a casa dos meus sogros. Depois alugamos a casa do senhor Gustavo Karmann, que foi morar no Rio de Janeiro. [...] Na casa da Rua Timbó moramos cerca de 30 anos, até que em 1978 resolvi construir nossa casa atual na Rua Marechal Deodoro. Batalhei muito para conseguir comprar o terreno que eu cobiçava há mais de dez anos. [...] Com cerca de 2 mil metros quadrados, incluindo o jardim, nossa casa fica num lugar privilegiado do bairro América, não longe do centro e suficientemente calmo (S. THIAGO, 2000, p. 68-69).

Observa-se no trecho o patamar de representação que o biografado traça dos espaços que habitou. Todos eles ficam em locais nobres de Joinville e próximos ao centro, além de serem pontos de fácil acesso e de boa infraestrutura. Considerado o biografado

uma figura ilustre, além de ter sido prefeito do município, talvez ele não veja como relevante representar a periferia, ou os espaços que ficam aquém em termos de desenvolvimento, sobretudo pelo fato de ele não ter possivelmente circulado por aqueles espaços. Pensando aqui na construção do conceito de paisagem como uma imagem agradável aos olhos, foca-se nos pontos positivos da territorialidade, como forma de ressaltar o ator protagonista da obra analisada e reforçar o discurso oficial de Joinville como uma cidade ordeira, pacífica e desenvolvida.

Conforme González (2009), a construção da cidade é orientada à medida que se valorizam alguns territórios em detrimento de outros, tendo em vista que a cidade não é um todo homogêneo no qual reside o mesmo grupo social. Pelo contrário, há vários grupos contidos no mesmo espaço, e cada um deles tem seu interesse específico e quer valorizar o que lhe convém, sobressaindo aqueles com poder econômico e político maior. Assim, a forma como os diversos atores sociais, com distintos poderes político e econômico, influencia o processo de construção social da cidade. Nisso, a literatura e, especificamente, as biografias não ficam de fora, ajudando a moldar e sustentar o discurso oficial circulante.

Considerações finais

Numa sociedade democrática, prega-se a ideia de que todos devem ter voz e ser veículos de expressão de seu modo de viver, de seu grupo social e de sua ambiência contemporânea. Porém, com essa afirmação surgem as dúvidas: todos precisam ser ouvidos? Por quê? Para quê? Tais perguntas rondam estudos que se preocupam com a memória e trabalham com os discursos que buscam construir uma amálgama das histórias da cidade e dos seus homens. Assim, compreender a dinâmica do processo de escolhas daqueles de quem se pode escrever uma biografia possui aspectos de particular interesse para o pensamento das memórias, amnésias e narrativas da cidade.

Essa disputa pelo poder e pelas memórias a serem perpetuadas – desigual, é importante lembrar – objetiva a produção do espaço, um espaço específico, de glórias, conquistas e poder social, político e econômico, com toques europeu, branco, elitista e masculino.

As memórias, que dão base ao patrimônio cultural, têm de ser expressão da participação política e social, para que permaneçam enquanto houver sentidos e se queiram guardá-las. O que acontece, contudo, é que a memória não é democrática, ao contrário do que se julga ou se apregoa, pois se elegem certos representantes a terem suas

memórias perpetuadas. Como afirma Candau (2016, p. 16), “de fato, o jogo da memória [...] é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos”, “consequência de processos dinâmicos de inclusão e de exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias [...], recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados” (CANDAU, 2016, p. 27). Com isso, temos uma memória parcial do grupo social representado e da realidade descrita, como é o caso dos textos biográficos, que abordam determinada parcela da sociedade representada por certo tipo de atores sociais, que são minoria, se pensamos nos indivíduos que formam a sociedade brasileira.

Traçando um paralelo entre esses aspectos e a obra analisada neste artigo, vemos que, para reafirmar a importância do biografado para o grupo social do qual ele fazia parte, lançou-se mão por diversas vezes de trechos que exaltavam seus feitos, postura correta, de caráter, para com a família, a empresa e a política, num claro indicativo de que aquele indivíduo é merecedor de suas glórias e de ter suas memórias perpetuadas *a posteriori*: um retrato exato do panorama do discurso biográfico através dos séculos, no mundo ocidental.

Outro ponto a ser destacado na análise de obras literárias é o lugar de fala do autor da narrativa. Nesse caso, trata-se de uma historiadora que trabalha com questões relacionadas à memória, história, identidade, colonização e imigração, o que condiciona sobremaneira o discurso. Sabendo de seu foco de investigação, podemos inferir que ela tenha escolhido tal personagem para ser biografada, pelo fato de ser a figura do imigrante bem-sucedido no território que escolheu para firmar raízes. Igualmente, a forma como o biografado/narrador lida com suas memórias pode revelar a configuração de identidade do grupo social presente na obra, pensando na autora como historiadora, cujas funções sociais são descrever e construir a chamada história oficial. Além disso, com formação acadêmica em História e sendo investigadora de tais temas, notamos que o foco da historiadora Raquel S. Thiago, ao escrever o texto analisado, se pautou principalmente nesses assuntos, a começar pelo protagonista da obra, figura sobressalente na área política e industrial da cidade, além de ser imigrante e filho de colonizadores.

Desse modo, a biografia reproduz um modelo de indivíduo exemplar da sociedade, a fim de que seus passos e suas atitudes sejam copiados pelos demais pertencentes ao grupo social. Um método de narrar que possui uma experiência de séculos e cuja receita se adapta às mais diversas paisagens e atores. Logo, concordamos com

Schwarcz (2013), quando diz que o texto literário não é uma representação fiel de seu tempo nem de seu espaço, mas que ele é moldado conforme seus propósitos.

Ainda verificamos como o discurso oficial de Joinville está presente de maneira contundente na narrativa, principalmente a questão do imigrante que deu certo em terras alheias, à medida que entendemos esse texto como mais um reforço da história que se perpetua pela cidade, além das interações socioespaciais múltiplas de que o narrador lançou mão para ter a história de vida do biografado contada nas páginas da obra. Observa-se, nos inúmeros episódios narrados, o cruzamento de diferentes cenários, espaços e temporalidades, resultado da influência dos diversos grupos sociais que compõem Joinville, mas em certo aspecto não reconhecido pelo narrador, fazendo com que ele represente apenas o seu mundo na narrativa.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Território*, ano 3, n. 4, p. 5-26, jan./jun. 1998.

AB'SÁBER, Aziz. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALVES, Teresa. Paisagem: em busca do lugar perdido. *Finisterra*, n. 36, v. 72, p. 67-74, 2001. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/viewFile/1622/1317>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BENCZ, Vanessa. Sociedade Harmonia-Lyra, em Joinville, completa 150 anos. *A Notícia*, 2008. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2008/05/sociedade-harmonia-lyra-em-joinville-completa-150-anos-1890617.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

BHABHA, Homi K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: _____. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 395 p. p. 105-128.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-191.

BOXER, Charles R. *O império marítimo português: 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BURKE, Peter. *A história como memória social: o mundo como teatro*. Lisboa: Difel, 1992.

- BUSARELLO, Gabriela. Joinville – SC. *Vida de Turista*, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.vidadeturista.com/destinos/joinville-sc.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.
- BUSCHLE, Baltasar. Prefácio. 1999. In: S. THIAGO, Raquel. *Eu, Wittich Freitag*. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Miguel Hidalgo: Gualbo, 1990.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38, p. 1998.
- COELHO, Ilanil. *Pelas tramas de uma cidade migrante*. Joinville: Editora Univille, 2011.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- GONZÁLEZ, Martha de Alba. Representaciones y prácticas sociales en torno a políticas urbanas: la movilización NIMBY frente a la redensificación de las zonas centrales de la ciudad de México. *Sociología Urbana y Representaciones Sociales*, ano 3, n. 6, p. 43-72, mar. 2009.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001. CD-ROM.
- JOINVILLE EM FOCO. *História de Joinville*. 2009. Disponível em: <<http://joinville-em-foco.blogspot.com.br/2009/07/historia-de-joinville.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.
- LACEY, Hugh. Pluralismo metodológico, incomensurabilidade e o *status* científico do conhecimento tradicional. *Scientle Studia*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 425-53, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v10n3/02.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2017.
- MACHADO, Diego Finder. *Redimidos pelo passado? Seduções nostálgicas em uma cidade contemporânea (Joinville, 1997-2008)*. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MAZZARO, Rafaela. Liga da Sociedade. *Minha história, meu patrimônio*, 2014. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/liga/index.html>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? In: _____. *A imigração e os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 45-72.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. *RA'E GA*, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Disponível em: <http://www.geoplan.net.br/material_didatico/Schier_2003_conceito%20de%20paisagem.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHAMA, Simon. Introdução. In: _____. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/08.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, n. 24, p. 51-73, 2013.

_____. Paisagem e identidade: a construção de um modelo de nacionalidade herdado do período joanino. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 19-52, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/98/98>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE. *Nossa história*. Disponível em: <<http://www.sociedadeginasticajlle.com.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

S. THIAGO, Raquel. *Eu, Wittich Freitag*. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.